



## O EDUCAR PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM UMA HORTA ESCOLAR

*Ana Bela dos Santos*<sup>1</sup>

**RESUMO:** Ao abordarmos os termos Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável evocamos a valorização do aluno no processo criativo de ensino/aprendizagem. Emerge desta reflexão a importância de novas metodologias de ensino, que propiciem ao aluno novas formas de se perceber o mundo. O Projeto Horta Escolar materializou-se como um espaço interdisciplinar, onde alunos e professores puderam refletir acerca dos impactos positivos de uma alimentação saudável e dos reflexos produtivos quanto à preocupação com a comunidade e seu desenvolvimento sustentável. Tal pesquisa foi realizada em uma escola estadual do Paraná, objetivando a melhor inserção do ensino das disciplinas naturais aplicadas. A observação dos participantes e a entrevista com a equipe pedagógica foram instrumentos eficientes na observação ativa de todos os envolvidos na construção da horta. Percebemos ainda, que não apenas os alunos mudaram seus hábitos alimentares e de cuidado com o espaço escolar, mas também toda a comunidade escolar adotou comportamentos mais sustentáveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Horta; Sustentabilidade

### 1 INTRODUÇÃO

Toda vida em nosso planeta depende das formas e das relações que estabelecemos nos diferentes espaços. Somos autores de nossa rotina e este processo revela diferentes olhares sobre a mesma paisagem. Cada grupo social percebe o ambiente segundo as normas e valores apreendidos na coletividade das relações, e isto será imprescindível na formação dos sujeitos.

O mundo da vida cotidiana é ordenado e organizado em torno do aqui e agora, um mundo em comum e de significados compartilhados. O espaço produzido em cada momento é único e terá um significado singular na existência dos sujeitos. Este conjunto de símbolos é experimentado em diferentes graus de aproximação e distância, tempo e espaço, e isto irá refletir nas diferenças entre os hábitos de cada grupo.

O espaço é o lugar onde o homem atua, é onde desde tenra idade os sujeitos são inseridos em um sistema de símbolos, significados e significantes, em um universo onde os objetos já são designados a um determinado fim. Através da linguagem tais símbolos são assimilados e adquirem sentido, dando sentido a vida cotidiana. (BERGER; LUCKMANN, 1985).

A linguagem é a ferramenta que possibilita as objetivações das vivências do indivíduo, incentivando a assimilação e a interpretação de novas experiências. Segundo Luria (1991) a linguagem é uma das funções psicológicas humanas mais complexas e interessantes, ela é constituída da palavra e de seu significado, o que compreende tanto a significação do objeto como o sistema de traços abstratos e generalizadores. Esta ferramenta é usada de muitas formas e uma delas é através da educação escolar.

Paulo Freire (2009) aponta uma educação onde a valorização dos sujeitos é o tema central. O ser humano é locado em suas condições de ser sujeito simples, imperfeito, porém dotado de inteligência para administrar seu espaço local e social. O indivíduo age de forma democrática, responsável e participativa. Freire pontua as obrigações de uma educação baseada na realidade das comunidades, uma educação que possibilita ao aluno ser sujeito de sua própria história, da história de seu país, de sua região, cidade, ou povoado (FREIRE, 2009).

Ao nascer, somos sujeitos dotados apenas de recursos biológicos, compatíveis a filogenia da espécie, e são nas relações estabelecidas entre os pares que adentramos o processo de humanização. Processo que nos possibilita ingressar em um mundo de normas, valores, significados e mediações. Um mundo de símbolos e que nos guiarão na construção de nossas identidades.

Vygotski (1993) defende que as relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si, manifestam significações das quais eles se apropriam no decorrer de seu processo histórico, que são constituídas nas interações e estimuladas por diferentes formas de mediação. O fundamento Vygotskiano apresenta uma Educação onde os sujeitos sejam apresentados a novas formas de aprender, compreendendo que qualquer situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. (VYGOTSKY, 1989).

<sup>1</sup> UNICENTRO. Universidade Estadual do Centro-Oeste (campus Irati) – Paraná, Brasil. Formada em Geografia e Psicologia, Mestranda - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário (Master in Community Development), Turma 2014. [anapsico2013@hotmail.com](mailto:anapsico2013@hotmail.com).



O fato é que o comportamento humano é direcionado através de configurações organizadas e estar em uma escola, que permite a participação dos alunos em sua organização, estimula os sujeitos a explorarem novos contextos e novas formas de viver este espaço. Levando em conta que a capacidade de um ambiente, tal como o lar, a escola ou o local de trabalho, de funcionar efetivamente como um contexto para o desenvolvimento é visto como dependendo da existência e natureza das interconexões sociais entre os ambientes, incluindo a participação conjunta, a comunicação e a existência de informações em cada ambiente a respeito do outro (BROFENBRENNER, 2004).

E é através destas interconexões que grandes mudanças, principalmente nos desejos e na forma de se perceber uma dada realidade, são promovidas e permeiam as transformações nos padrões de produção e de consumo daquilo que se aprende.

A educação propicia aos seres humanos uma forma específica de melhorar as ações no contexto no qual os indivíduos estão inseridos. No processo educativo o ser humano dialoga sobre a sua condição no mundo. Para Freire (2009), o ser humano que se educa aprende a convencer e converter o seu oponente. A educação abriga em si o potencial de transformação, seja ela social, individual, do educador (a), ou do alunado (a). A identidade e a auto-estima do educando, será trazida ao processo de aprendizagem, compreendendo o homem como um ser completo em suas relações. Um sujeito que não apenas está no mundo, mas que vive no mundo e com o mundo (FREIRE, 2009).

Neste contexto ousamos dizer que nós educadores nos vemos em meio a uma preocupação latente: como problematizar as formas de se ensinar a vida?

A criança e o adolescente precisam fazer parte das transformações, precisam aprender a cultivar o novo. O mundo que observamos hoje é um mundo em mutação e reflete a globalização das coisas. As paisagens são criadas e recriadas de forma acelerada, e isso expressa as relações que os sujeitos mantêm com a natureza, com os sistemas políticos e econômicos e com as diferentes culturas em que estão inseridos.

A escola é um destes espaços, ela é este local em constante transformação, onde novos sujeitos, a cada ano, protagonizam novas histórias. É um lugar complexo, onde se apresentam relações entre pares, em um processo de contiguidade com o novo. Lugar onde o ato de Educar se faz presente em todos os ambientes coletivos, e dentre as inúmeras disciplinas e teorias que se apropriam deste tema, compreendemos que a educação sobre o meio ambiente, através do ensino interdisciplinar, possibilita um alargamento nas formas de se viver a Escola.

É direito do aluno aprender sobre temas que envolvem a sustentabilidade de nosso planeta. A Constituição Federal de 1988 elevou o status do direito a educação ambiental, essencial para a qualidade de vida ambiental, atribuindo ao estado o dever de promover a educação ambiental a todos os níveis de estudo e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente (art. 225, inciso VI). A definição de educação ambiental é dada no artigo 1º da lei nº 9.795/99 como processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem como uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade, colocando o ser humano como responsável individual. (FORQUIM, 1993).

Tema de muitas divergências, o termo Meio Ambiente é tratado por muitos autores, e de formas diferentes, dentre eles Santos (2003) que busca superar a separação entre homem, mundo natural e mecânico. Sendo necessário perceber que a Educação Ambiental como o reflexo de uma série de critérios, limites, e possibilidades de campos científicos distintos (SANTOS, 2003).

Para muitos autores o meio e o ambiente não representam apenas um termo genérico, que designa os organismos e o mundo natural, eles são um mosaico de inúmeros símbolos, que se caracterizam pela presença do passado, presente e futuro simultaneamente.

Estas reflexões acerca da definição de “meio” e “ambiente” levaram a origem do termo “Educação Ambiental”, que posteriormente seria também motivo de divergências, culminando no desenvolvimento do termo “Educação para o Desenvolvimento Sustentável”. Dentre vários conceitos e diretrizes criadas, o desenvolvimento sustentável fora concebido principalmente nas conferências internacionais, regionais e nacionais sobre meio ambiente.

A gênese deste termo está ligada à própria criação da Unesco, em 1946. O órgão da ONU iniciou o debate em torno da Educação Ambiental por meio da mobilização de governos e entidades da sociedade civil. A criação desse órgão fez parte das iniciativas do imediato pós-guerra para construir condições sociais e econômicas que garantissem a paz de forma duradoura.

Durante as últimas décadas muitas foram as iniciativas que buscaram estas condições de proteção e preservação do meio ambiente. O Homem e a Biosfera, projeto criado na Conferência sobre a Biosfera, em Paris (1968), objetivou compreender as relações existentes entre o homem e a natureza e as possíveis interferências realizadas pelo homem aos ambientes naturais. Já em 1972, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, priorizou os problemas ambientais enfrentados no último século, foram criados 26 princípios a fim de orientar a construção de uma relação harmoniosa entre os seres humanos e os ambientes naturais. A partir destes princípios o mundo conheceu a necessidade de se pensar a humanidade como parte de um sistema muito maior e mais complexo do que conhecíamos.



Em 1975, o Seminário Internacional sobre Educação Ambiental, foi considerado um marco na construção de novas formas de conservação. Nele, a Carta de Belgrado foi aprovada, e uma nova perspectiva surgiu a fim de apontar a preservação do meio ambiente pela perspectiva do desenvolvimento sustentável. Este documento previa a preservação e conservação do homem através de todas as suas relações ecológicas, sendo elas naturais, culturais, econômicas e de desenvolvimento. Alguns problemas emergiram da prática destas premissas e outras conferências se seguiram objetivando promover a interlocução entre tais temas.

A partir da publicação do relatório “Nosso Futuro Comum”, produzido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cmmad), a expressão desenvolvimento sustentável foi difundida e tornou-se popular. A Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Meio Ambiente (Cnumad), realizada no Rio de Janeiro, em 1992, viabilizou a divulgação deste relatório e a Educação Ambiental tornou-se um dos temas centrais nas grades curriculares (CARVALHO, 2004). Neste relatório se apresentou a definição de desenvolvimento sustentável, sendo: “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. 46).

Este documento, considerado como o mais importante para o ensino das disciplinas sobre o meio ambiente, levou em consideração todas as esferas da vida. Os temas mencionados em suas instruções viram na comunidade escolar seu campo de implementação. Ao professor foi destinado o desenvolvimento de estratégias, que permitiram um novo caminho para os temas abordados em sala de aula, levando em conta a complexidade do meio físico, biológico e social.

É necessário reconhecer que a educação escolar é responsável por desenvolver formas determinadas de compreensão da realidade, visto que ela não transmite senão uma pequena parte de todo o conhecimento produzido pela humanidade (FORQUIN, 1993).

Morin (1988) considera que “A sociedade hominídea constitui a sua economia organizando e tecnologicando as suas duas práxis ecológicas da caça e da colheita, que se transformam em práticas econômicas. A organização econômica emerge como cultura no sentido forte do termo e essa cultura deve ser transmitida, ensinada, apreendida, quer dizer, reproduzida em cada novo indivíduo no seu período de aprendizagem, para poder auto perpetuar-se e para perpetuar a alta complexidade social” (MORIN, 2002). Este autor nos mostra que o conhecimento disciplinar é apenas uma parcela de um conhecimento maior e que se apropria do conhecimento tradicional e popular. A escola é o produto histórico de um contexto, interpelada pelas intencionalidades de determinada Cultura e que representa uma forma específica de compreender a realidade.

Este mesmo autor apresenta os desafios da atualidade. A necessidade de compreendermos a complexidade da contemporaneidade que emerge no conhecimento articulado entre diversos saberes. Para ele os conhecimentos não devem ser fragmentados, pois isto contribui para práticas isoladas entre saberes. A educação não se constrói desta forma e Morin nos conscientiza quanto a uma “(...) especialização que se fecha em si mesma, sem permitir sua integração em uma problemática global” (MORIN, 2004).

Infelizmente a fragmentação é comumente aceita em sua amplitude. A educação, muitas vezes adota acordos e verdades que não contemplam as múltiplas formas de se perceber o mundo, propiciando um embotamento nas práticas pedagógicas. Como contraponto Fazenda (2005) nos traz o conceito de interdisciplinaridade e afirma que “a Educação Interdisciplinar é uma forma de compreender e modificar o mundo, o homem é agente e paciente de uma realidade que, portanto, precisa ser investigada em seus mais variados aspectos” (FAZENDA, 2005).

É nesta perspectiva que a Educação para o Desenvolvimento Sustentável posiciona-se como uma brecha na exploração de novos espaços de ensino. Este termo firma-se na Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em 2002. Neste evento foi institucionalizada a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, prevendo para a UNESCO o papel duplo de liderança e implementação dos substantivos da EDS. Esta assembleia elencou critérios que poderiam reorientar a abrangência da educação para a sustentabilidade ambiental, propiciando ainda parcerias entre governos, comunidades acadêmicas e científicas, professores, ONGs, comunidades locais e mídia, a fim de conscientizar a toda a sociedade sobre a preservação e conservação de nosso planeta (LOUREIRO, 2009).

No decorrer desta última década a EDS priorizou elementos importantes para o desenvolvimento da Educação. A promoção e melhoria da Educação Básica estiveram no centro de muitas discussões, visando corresponder a uma educação básica de qualidade, onde os aspectos do desenvolvimento humano, as diretrizes globais e regionais estivessem em pauta.

Durante a implementação da EDS os órgãos governamentais preocuparam-se com a valoração de conhecimentos interdisciplinares, reorientando os princípios, habilidades e perspectivas relacionadas à sustentabilidade em cada uma das três esferas (social, ambiental e econômica). Isso exigiu de seus colaboradores um amplo conhecimento de caráter social e de valores culturais, morais, de justiça, saúde e cidadania.

Esta pesquisa preconiza a divulgação de diferentes formas de se ensinar, visando à conscientização sobre a importância de se perceber os conteúdos através de um viés de valoração do ser humano. Apontando alternativas de utilização do cotidiano escolar, cultivados também através de saberes tradicionais sobre o ambiente e sobre a própria comunidade. Objetivamos ainda apontar alguns conceitos acerca da Educação



Ambiental (EA) e da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), buscando compreender a escola como um ambiente de transformação social.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho foi desenvolvido através da pesquisa-ação, um ciclo no qual se aprimora a pesquisa pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Através da observação, criaram-se estratégias de ação, buscando a implementação, descrição e avaliação das mudanças para a melhoria das práticas pedagógicas. A pesquisa-ação tem como propriedade aproximar o sujeito de seu objeto através de uma investigação-ação, pois envolve a realidade da comunidade, compreendendo que esta não é fixa e que o observador/pesquisador e seus instrumentos desempenham um papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados (GODOY, 1995). A escolha deste método se deu ao fato de que a pesquisa-ação envolve planejamento, ação, observação e reflexão sobre o campo (MOLINA, 2007).

O lugar escolhido para a pesquisa foi uma escola no interior do estado do Paraná – BR, onde o Projeto Horta Escolar foi implantado e onde por oito meses observamos e aplicamos práticas que evocaram os conceitos da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Além da pesquisa-ação optamos por aplicar também algumas entrevistas semi-estruturadas à equipe diretiva e pedagógica da escola. No processo de análise foram realizados os procedimentos de codificação das respostas, tabulação dos dados, e análise, respectivamente. Todos os participantes aceitaram as condições do termo de consentimento esclarecido.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A perspectiva da EDS apresentou um viés unificador percebendo a Educação como um elemento de transformação social, apoiado no diálogo e no exercício da liberdade individual e coletiva.

Diante das atividades realizadas na Escola em questão e analisando os dados obtidos, pudemos observar que tanto a equipe diretiva como a pedagógica detinham um conhecimento superficial do conceito da EDS, e vincularam-na apenas a sustentabilidade ambiental.

Durante o processo de construção da horta a direção apresentou grande esforço ao estimular aos demais professores que utilizassem o espaço da horta escolar em suas atividades disciplinares, o que propiciou a problematização de vários conceitos.

Sobre o aspecto físico da escola, observamos algumas características positivas e outras negativas. A escola não manteve um espaço próprio para as atividades teóricas, realizadas no Projeto Horta Escolar, e em função disso alguns alunos tiveram dificuldades de atar-se aos espaços e momentos destinados as atividades do projeto.

Durante os primeiros meses, observamos também que a burocratização de algumas situações atrasaram algumas atividades. Por outro lado, medidas tomadas pela direção demonstraram o interesse pelas formas de gestão sustentável. Durante o processo percebemos a utilização racional da água na limpeza dos prédios, tal como a presença de lixeiras para a coleta seletiva do lixo reciclável.

As relações de sustentabilidade também foi percebida na forma como professores e alunos ocuparam a comunidade escolar, os tutores dos alunos eram sempre bem recebidos, e participavam das atividades destinadas à comunidade/escola.

O trabalho de construção da horta foi norteador por um cronograma baseado nos princípios da EDS (tabela 1), o que nos auxiliou na promoção de aulas práticas. A horta transformou-se em um local onde os conhecimentos científicos foram trabalhados através da sensibilização e reflexão de todo o contexto escolar e muitos foram os produtos desta forma de educar.

Professores e alunos estiveram empenhados na limpeza e manutenção dos canteiros durante todo o processo, eram aproximadamente trinta crianças participantes do projeto, tendo elas entre onze e treze anos de idade.

Durante as oficinas de utilização do lixo reciclável e de manuseio do solo os alunos foram conduzidos através de temas como ecologia e vislumbraram novas formas de utilização do lixo. Cada um deles construiu formas artesanais com estes materiais e compreenderam que muitos materiais podem ser reaproveitados.

Vale salientar que o bairro onde a escola se encontra é periférico. As crianças moram em loteamentos habitacionais e sempre estudaram em escolas públicas da região. Este dado incorpora-se ao desejo de viabilizar a escola pública também enquanto espaço de lazer, de diversão e de construção de significados solidários à comunidade. Isso indica que um modo de pensar, capaz de unir e solidarizar conhecimentos separados, é capaz de se desdobrar em uma ética da união e da solidariedade entre humanos. Um pensamento capaz de não se fechar no local e no particular, mas de conceber os conjuntos (MORIN, 2004).

A Organização Mundial de Saúde definiu a saúde como "(...) um estado de completo bem estar físico, mental e social, que não consiste apenas na ausência de doença ou enfermidade" (OMS, 2002). Esta abordagem alarga o conceito biológico da saúde, pois inclui as componentes psicológicas e sociais do ser humano. Nesse sentido, a EDS seria também uma ferramenta em busca da saúde dos sujeitos e das comunidades, pois projetos



como a Horta Escolar não viabilizam apenas o aprendizado de novas formas de se pensar a escola, mas também o espaço onde alunos e professores podem aprender a plantar, cultivar e colher novas formas de reproduzir as suas próprias vivências.

**Quadro 1: cronograma baseado nos princípios da EDS (Educar para o Desenvolvimento Sustentável) - promoção de aulas práticas.**

Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Metodologia
<p>O projeto preconiza a conscientização dos alunos sobre a importância da sustentabilidade, norteados pelos conceitos da EDS, a construção da Horta Escolar destina-se a caracterização de uma escola valorizada e de sujeitos preocupados com o desenvolvimento econômico e cultural sustentável.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Realizar atividades envolvendo a horta no trabalho de educação ambiental e alimentar;</li> <li>2. Construir a Horta Escolar juntamente com os alunos, desenvolvendo o conhecimento, cultivo e consumo através do conceito de sustentabilidade;</li> <li>3. Implantar a reciclagem de resíduos sólidos no espaço escolar;</li> <li>4. Aprimorar a coleta seletiva através de oficinas de reciclagem artística;</li> <li>5. Ofertar oficinas culinárias com a utilização dos alimentos colhidos na horta.</li> <li>6. Como resultado conclusivo da proposta primar pela divulgação do trabalho.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Oficinas de EDS;</li> <li>2. Planos de ação voltado para a Sustentabilidade – ambiental, cultural e econômica da comunidade escolar;</li> <li>3. Operacionalização quanto ao manuseio do espaço e das ferramentas de ação;</li> <li>4. Correção e preparo do solo;</li> <li>5. Adubação e plantio das sementes;</li> <li>6. Plantio juntamente com as crianças, denotando os significados e sentidos deste novo espaço;</li> <li>7. Colheita e consumo (proporcionar o envolvimento dos alunos neste processo, e a participação da comunidade nas oficinas).</li> </ol>

Fonte: Objetivos e Metodologias do Projeto Horta Escolar

**4 CONCLUSÃO**

A sustentabilidade das atividades humanas e a formas de se educar para um mundo sustentável têm-se tornado uma das maiores preocupações nas políticas educacionais. Para se alcançar esta dimensão muitos projetos vem sendo implantados, projetos estes que visam à construção e manutenção da vida.

O Projeto Horta Escolar nasce desta necessidade por atividades que complementem a grade curricular e auxiliem na construção de sujeitos produtivos e críticos. Na horta o professor torna-se também um educador sustentável, que estimula a incorporação, a percepção e a valorização da dimensão educativa a partir do meio ambiente.

A produção e o cuidado com o solo e os vegetais tornam-se ferramentas de aprendizagens múltiplas e que expressam cuidados significativos para o aluno. Com a horta o educando interage com várias disciplinas e pode reconduzir este conhecimento. Ele torna-se agente social para o desenvolvimento de sua comunidade, potencializando o universo educativo através de aprendizagens coletivas e sustentáveis.

A dimensão ambiental insere diversos atores do universo educativo, pois necessita de diversas áreas do conhecimento, da capacitação desses profissionais e de toda a comunidade preocupada com a construção do saber. Nos dias atuais, em que a informação assume um papel cada vez mais relevante, a educação representa a “possibilidade” de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação na defesa da qualidade de vida (JACOBI, 2003).

Para Machado (2000) “cabe às instituições de ensino a tarefa de protagonizar o desenvolvimento de projetos de educação e de gestão ambiental”. No Projeto Horta Escolar percebeu-se que a sustentabilidade busca em primeiro lugar superar o reducionismo em um pensar ético e que fortaleça a interação entre a sociedade e a natureza (MACHADO, 2002).



A Educação para o Desenvolvimento Sustentável, instrumentaliza as práticas de tal projeto, apresentando-o também como uma prática social, onde o professor seja o mediador de múltiplos conhecimentos, a fim de que os alunos adquiram uma base adequada de compreensão da vida como um todo. Hortas escolares são um espaço único, são “(...) um microcosmos de todo o mundo natural. Nele encontramos formas de vida, recursos de vida, processos de vida. A partir dele podemos reconceitualizar nosso currículo escolar. Ao construí-lo e cultivá-lo podemos aprender muitas coisas. As crianças o encaram como fonte de tantos mistérios! Ele nos ensina os valores da emocionalidade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação, da renovação”. (CAPRA, 2005)

## REFERÊNCIAS

- BERGER. L; LUCKMANN. T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRONFENBRENNER. U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CAPRA. F. et al. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Editora Pensamento/Cultrix, 2005.
- CMMAD (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento). **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- CARVALHO. I. C. M. **Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação** In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- FAZENDA. I. C. A. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FORQUIN. J.C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1993.
- FREIRE. P. **Educação como Prática da liberdade**. 32ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2009.
- GODOY. A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63, 1995.
- JACOBI. P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 118, p. 189-205 março 2003.
- LOUREIRO. C.F.B. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- MACHADO. A. M. **Avaliação psicológica na educação: mudanças necessárias**. Tanamachi, E. R.; Rocha, M. L.; Proença M. P. R. (Orgs.). **Psicologia e Educação: desafios teórico práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MOLINA. R. **A pesquisa-ação / investigação-ação no Brasil: Mapeamento da produção (1966-2002) e os indicadores internos da pesquisa-ação colaborativa**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: FEUSP, 177p, 2007.
- MORIN. E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina. – 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- Organização Mundial da Saúde. Direção Geral da Saúde. **Relatório Mundial da Saúde: Saúde Mental: nova concepção, nova esperança**. Lisboa. 2202. Recuperado em: 23, novembro, 2014, de Lisboa. Disponível em: <[http://www.who.int/whr/2001/en/whr01\\_djmessage\\_po.pdf](http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf)>

## Anais Eletrônico

*IX EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar*

Nov. 2015, n. 9, p. 4-8

ISBN 978-85-8084-996-7



SANTOS, M. **“Por uma outra Globalização, do pensamento único à consciência universal”**. Rio de Janeiro, R.J.: Record, 2003.

